

LEITURAS DO *EFÊMERO* EM “NOÇÕES” DE CECÍLIA MEIRELES

Irina Deffente Migliari (IC) e João Cesário Leonel Ferreira (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A amplitude do imaginário de Cecília Meireles reúne, a partir de sua conexão com o oriente, diferentes leituras sobre o *efêmero*. É possível discutir por meio de interpretações de “Noções” os aspectos que compõem a perspectiva da efemeridade da vida, presente na vasta produção poética da autora.

Palavras-chave: Cecília Meireles. Poesia. Efêmero.

ABSTRACT

The amplitude of Cecília Meireles' imagination brings different readings of the *ephemeral* together, in virtue of her connection with the Orient. It is possible to discuss the aspects that compose the perspective of life's ephemerality, which is present in the the author's vast poetic production, through different interpretations of “Noções”.

Keywords: Cecília Meireles. Poetry. Ephemeral.

1. INTRODUÇÃO

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em 1901, no Rio de Janeiro, e foi, além de poetisa, cronista, professora, jornalista, ensaísta e tradutora. Publicou sua primeira obra, *Espectros* (1919), aos dezoito anos, e foi a primeira voz feminina reconhecida na Literatura Brasileira e vencedora do Prêmio de Poesia Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras pelo seu livro *Viagem* (1937). Órfã de pai e mãe, Cecília passa a ser criada pela avó materna, Jacinta Garcia Benevides, aos três anos. Sua trajetória de vida consiste em grandes perdas, tema recorrente e tratado com delicadeza em sua obra poética.

Solitária e incentivada pela avó desde cedo, a poetisa entregou-se à busca de si própria a partir da conexão com o Oriente, sobretudo com a Índia, país visitado inúmeras vezes e lugar em que teve a oportunidade de entrar em contato direto com o Budismo. A poetisa esclarece por meio de crônicas e cartas essa conexão com a religião e a meditação, segundo atesta Leila Gouvêa, e esta é uma importante leitura ao tratar da obra de Cecília, uma vez que se encontram referências sobre a filosofia budista em diversos poemas da autora, que são importantes para compreender sua conexão e convicção em relação à vida, como o entendimento da transitoriedade, das dores e dos anseios, tratados com delicadeza e aceitação pela poetisa, conforme mencionado na introdução deste trabalho. A questão de sua relação com o Budismo, no entanto, não será examinada neste estudo.

[...] A poetisa descobriu o budismo na adolescência e seus ensinamentos muito terão marcado a sua ética e a sua visão do mundo. A prática, ainda que temporária, da meditação oriental, a que ainda aludiu em sua correspondência, terá repercutido também em sua poética, particularmente no que diz respeito ao distanciamento reflexivo sobre o real sensível, ao autodomínio e à paciente elaboração da forma. Segundo a tradição budista, também os sentimentos e desejos acabam conduzindo o ser humano à infelicidade, e não há 'nada de absoluto' nos prazeres, que também causam a dor. (GOUVÊA, 2008, p. 78, grifo nosso).

A morte, um dos aspectos do efêmero, é um importante objeto de análise quando se trata da poesia de Cecília Meireles. A propósito da transitoriedade da vida e da impermanência do ser humano, a "consciência da fragilidade das coisas terrenas em face da passagem irreversível do tempo" (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 65) não se constitui em uma constatação angustiante para a autora, pois é vivenciada a partir de uma atitude contemplativa e serena que estimula a consciência da finitude, como em um dos poemas de *Solombra* (1963):

Esses adeuses que caíam pelos mares,
declamatórios, a pregar sua amargura, emudeceram:
já não há tempos nem ecos.

Perdeu-se a forma dos abraços. De ar é a lousa dos
cemitérios: um suspiro momentâneo.
De ar esses mortos – que eram de ar enquanto vivos.

De ar, este mundo, esta presença, este momento, estes
caminhos sem firmeza. Dos adeuses
que vamos sendo – ó ramos de ossos, flor de cinzas! –

é que morremos – e num lúcido segredo – sabendo,
ouvindo – atravessados de evidências – que somos de
ar, de adeuses de ar... E tão de adeuses

que já nem temos mais despedidas.

(MEIRELES, 2013, p. 71).

Darcy Damasceno reproduz, em nota biográfica, uma declaração de Cecília sobre a condição da impermanência, que muito irá representar e estar presente em sua poética:

[...] a noção ou sentimento de transitoriedade de tudo é fundamento mesmo da minha personalidade. Creio que isso explica tudo que tenho feito em literatura (sic), Jornalismo, Educação e mesmo Folclore. Acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação, mas por uma contemplação poética afetuosa e participante. (apud SILVA; PEREIRA, 2009, p. 171-172).

É a partir de *Viagem* (1937), primeira obra de sua fase madura (GOUVÊA, 2001a; 2001b), que Cecília passa a ter sua linha de criação poética mais definida e reafirmada a partir de sua conexão com o Oriente: diálogos sobre a indagação existencial, a (re)descoberta da condição humana, a valorização do mundo (sagrado), o deleite na transitoriedade da vida; consolidando, assim, sua carreira como poetisa, que iniciara com a publicação de *Espectros*, em 1919. A imensidão e os mistérios da vida passam a ser o tema central de sua composição poética em *Viagem* (1937), *Vaga Música* (1942), *Mar Absoluto e Outros Poemas* (1945) e *Retrato Natural* (1949).

Em *Espectros* (1919), Cecília já dialogara sobre a temática da vida e da morte, sobre o tempo e o efêmero; resgatando forma e tons parnasianos e simbolistas, os sonetos de *Espectros* vão em busca da eternização da vida efêmera. (COELHO, 2001). Há, no entanto, no início de sua carreira, uma separação do sagrado, representado pelo *El-Rei*, na obra neosimbolista *Baladas para El-Rei* (1925) (GOUVÊA, 2001b; DAMASCENO, 1967) com o eulírico.

Em Viagem (1937), o sagrado e o efêmero passam a fazer parte do mesmo universo do eu-lírico, representado, muitas vezes, pelo mar. A poetisa mostra-se destemida, encontrando deleite na vida, ainda que sofrida e imprevisível e, valendo-se para expressão destes sentimentos do uso de figuras de linguagem que evidenciam a consciência do inalcançável e transformam o lastimável em suavidade e beleza em “Canção” (VG, 193-?):

Pus meu sonho num navio e o
navio em cima do mar – depois
abri o mar com as mãos,
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas, e a
cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas

O vento vem vindo de longe a
noite se curva de frio, debaixo da
água vai morrendo meu sonho,
dentro de um navio...

Chorarei quanto for preciso, para
fazer com que o mar cresça, e o
meu navio chegue ao fundo e o
meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos
quebradas.

(MEIRELES, 1982, p. 28).

O ambiente da poesia ceciliana é marcado por grande tristeza e sofrimento e, ainda assim, a autora traz à sua obra uma leveza ímpar e uma aceitação e desapego inigualáveis dos acontecimentos mundanos. Percebe-se também a vulnerabilidade em que Cecília Meireles se permite estar, vivência expressa em poesia e afirmada em sua última entrevista concedida à Revista Manchete, em maio de 1964: “Nunca esperei por momento algum na vida. Vou vivendo todos os momentos da melhor maneira que posso.” (MEIRELES apud LEITE, 2015, s/p) ou, em outras palavras, “[...] Desenrolei de dentro do tempo a minha canção:/ não tenho inveja às cigarras: também vou morrer de cantar.” (MEIRELES, 1982, p. 32).

Cecília empreende viagens por meios marítimos, como a Portugal, Holanda e Estados Unidos, e entra em contato com diversas culturas, conhecimentos e entendimentos da vida, percorrendo as águas de seu próprio pensamento e compreendendo, à sua maneira, o

sagrado. Os caminhos do desapego e da dissolução do ego mostram uma alternativa ao fim do sofrimento, que resulta em uma poesia que trata da efemeridade da vida com naturalidade pela escritora. A respeito disso, a escritora cria poemas utilizando-se do elemento da água, como em “Mar Absoluto” (MA, 194-?):

[...] O mar é só mar, desprovido de apegos,
matando-se e recuperando-se,
correndo como um touro azul por sua própria sombra,
e arremetendo com bravura contra ninguém, e sendo
depois a pura sombra de si mesmo, por si mesmo
vencido. É o seu grande exercício. [...] (MEIRELES,
2015, p. 24).

As menções e metáforas criadas pela poetisa a partir do elemento da água, a fim de exemplificar e tratar da vida e sua transitoriedade, estão presentes por toda a sua obra, mas é a partir de *Os Doze Noturnos de Holanda* (1952) e de *O Aeronauta* (1952) que Cecília passa a incorporar o elemento “ar” em sua poética, também para versar sobre essa mesma temática. As obras são uma ode às viagens aéreas feitas pela escritora, que atestava ter, até então, medo do ar, “de voar” – medo que teria sido enfrentado, então, com a intenção de vencer as longas distâncias geográficas, como em viagens à Índia. Em *O Aeronauta*, em especial, pode-se contar com uma poesia mais etérea, que passeia entre nuvens e abismos. Em “Dois” (195?), podemos perceber alguns desses elementos:

Daquele que antes ouvistes,
vede o que volta:
alguém que pisa no mundo
tonto em seu tumulto de
concha morta.

Que rostos incompreensíveis,
Que sepultadas palavras aqui
me esperam? Não sei dos
vossos motivos. Eu
caminhava nas nuvens, além
da terra.

Na minha fluida memória,
meu tempo não sabe de hora.
Apenas sabe de grandes
campos sem teto.

Nos céus tão vastos e abertos,
que é porta ou chave?

Que corredores me apertam?
De que paredes me cerca
vossa hospedagem?
Que existe por estas salas?

Meu nome agora e diverso.
Indeclinável.

(MEIRELES, 2014a, p. 19).

Em “Fadiga” (VM, 193-?), percebe-se a habilidade da poetisa em reinventar a dor com gentileza e coragem a partir das metáforas mais frequentes utilizadas pela poetisa, conforme mencionado ao longo deste estudo, para representar o efêmero e o sagrado, como o mar/água, o ar e a morte (cabe, aqui, reiterar que a morte pode ser tanto física, quanto metáforas de perdas que ocorrem ao longo da vida). A temática do efêmero implica diferentes representações. Cecília ora exprime ansiedade, ora admoesta seu eu-lírico, ora traduz-se em uma irônica melancolia (DAMASCENO, 1967).

A vastidão da realidade estende-se aos olhos da poetisa que faz uma investigação rigorosa da vida em suas diferentes manifestações: o vento, o mar, sombras, frio etc. Sem abdicar de sua distância do mundo, Cecília desafia a crítica e seus leitores a interpretar o sentido da transcendência em sua poesia, o que a torna conhecida como “a poetisa da transitoriedade” (GOUVÊA, 2008). O contato com os elementos da natureza ou por eles ofertados, leva o leitor a uma contemplação da impermanência do ser humano e, portanto, da efemeridade da vida, que implica uma renúncia ao apego e ao ego, a fim de “reinventar” a vida. Segundo Damasceno (1967), tal “reinvenção” é interpretada pelo canto, presente na obra de Cecília Meireles. Os elementos aqui apresentados podem ser percebidos em “Fadiga” (VM, 193-?), conforme a seguir:

Estou cansada, tão cansada,
estou tão cansada! Que fiz eu?
Estive embalando, noite e dia,
um coração que não dormia
desde que seu amor morreu.

Eu lhe dizia: "Deixa a morte
levar teu amor! Não faz mal, É
mais belo esse heroísmo triste
de amar uma coisa que existe
só para morrer, afinal!"

"Deixa a morte... não chores... dorme!"
Noite e dia eu cantava assim. Mas o
coração não falava; chorava baixinho,
chorava, mesmo como dentro de mim.

Era um coração de incertezas, feito
para não ser feliz; querendo
sempre mais que a vida – sem
termo, limite, medida, como poucas
vezes se quis.

O tempo era ríspido e amargo.
Vinha um negro vento do mar.
Tudo gritava, noite e dia, e
nunca ninguém ouviria aquele
coração chorar.

Uma noite, dentro da sombra,
dentro do choro, a sua voz
disse uma coisa inesperada,
que logo correu, derramada
num silêncio fino e veloz.

"Meu amor não morreu: perdeu-se.
Ele existe. Eu não o quero mais".
O choro foi levando o resto Eu
nem pude fazer um gesto, e
achei as horas desiguais.

E achei que o vento era mais forte,
que o frio causava aflição; quis
cantar, mas não foi preciso. E o ar
estava muito indeciso para dar a
vida a uma canção.

A sorte virara no tempo como
um navio sobre o mar.
O choro parou pela treva. E
agora não sei quem me leva
daqui para qualquer lugar,

onde eu não escute mais nada,
onde eu não saiba de ninguém,
onde deite minha fadiga e onde
murmure uma cantiga para ver
se durmo também (MEIRELES,
1982, p. 77).

A poesia consiste em um gênero que permite a comunicação entre mundos; o poeta, por sua vez, é aquele que trava a relação entre a palavra e seu leitor, oferecendo uma série de possibilidades de associações para que ele decifre os mistérios da vida por meio de uma linguagem bastante elaborada, prática dominante tanto na poesia simbolista, quanto na poesia de Cecília Meireles (DAMASCENO, 1967). Segundo Gomes, “fica patente a herança simbolista no seu [de Cecília Meireles] gosto pela música, pelos símbolos, pela poetização de uma atmosfera rarefeita, que faz lembrar um Verlaine, por exemplo.” (1994, p. 50, grifo nosso). A respeito disso, a leitura de “2º motivo da rosa” (MA, 194-?) permite a verificação de elementos neo-simbolistas, como o uso da aliteração, a musicalidade e as combinações sensoriais, entre outros, como no poema que celebra a flor, uma beleza efêmera, feita de perfume e lembrança, perfume que vive, em contrapartida com a sua forma que morre; surda ao canto, a rosa é eternizada no verso que a celebra:

Por mais que te celebre, não me escutas,
embora em forma e nácar te assemelhes
à concha soante, à musical orelha que
grava o mar nas íntimas volutas.

Deponho-te em cristal, defronte a espelhos,
sem eco de cisternas ou de grutas...
Ausências e cegueiras absolutas ofereces
às vespas e às abelhas.

E a quem te adora, ó surda e silenciosa, e
cega e bela e interminável rosa, que em
tempo e aroma e verso te transmutas!

Sem terra nem estrelas brilhas, presa a meu
sonho, insensível à beleza que és e não
sabes, porque não me escutas... (MEIRELES,
2015, p. 64).

A poetisa, além de resgatar elementos do Simbolismo, efetua uma filtragem nas propostas modernistas da década de 1920 e utiliza, então, em sua poética, elementos desta proposta, tais como a simplicidade sintática e de vocabulário, uma linguagem antirretórica e clean (GOUVÊA, 2001b). A respeito disso, os poetas Mário de Andrade (1893-1945) e Manuel Bandeira (1886-1968), do movimento modernista, mencionam, respectivamente, sobre os versos de Cecília Meireles: “sem uma palavra a mais” e “Tu, não, és enxuta!” (GOUVÊA, 2001b). A exemplo disso, segue o poema “Improviso” (RN, 194-?):

Minha canção não foi bela:
minha canção foi só triste. Mas
eu sei que não existe mais
canção igual àquela.

Não há gemido nem grito
pungentes como a serena
expressão da doce pena.

E por um tempo infinito
repetiria o meu canto
– saudosa de sofrer tanto.

(MEIRELES, 2014b, p. 95).

Por fim, apresentar-se-á a análise do poema selecionado para o estudo deste trabalho, “Noções” (VG, 193-?), a partir da leitura da obra dos poemas da escritora, conforme efetuado anteriormente, examinando os elementos que compõem a metáfora do efêmero e que constroem a identidade do sujeito poético, em relação à transitoriedade da vida e às dores da existência e da impermanência humana. Para isso, serão feitas referências ao Simbolismo e

ao Modernismo, a fim de discutir sobre a escolha da poetisa pelas características compositoras dos movimentos, que mostram a preferência por uma linguagem mais simples e pela expressão abstrata dos símbolos, que remetem a uma leitura mais mística do poema.

2. O SUJEITO EFÊMERO: “NOÇÕES”

A fim de desvendar como a concepção de identidade do sujeito poético é trabalhada por Cecília Meireles e que elementos compõem a metáfora do *efêmero* ou, mais precisamente, quais elementos são utilizados para explicitar a impermanência do ser humano e suas relações diante da vida, será analisado o primeiro poema que compõe o *corpus* deste estudo, “Noções” (VG, 193-?).

Além disso, será feita uma leitura mais aprofundada da escolha da poetisa por um dos elementos supracitados, o mar/água, dissertando sobre a importância desse uso na poesia e quais são as possíveis interpretações desse elemento até chegar à metáfora utilizada pela poetisa em “Noções” (VG, 193-?). Outra metáfora relevante escolhida pela escritora nesse poema é o “espelho” que, assim como a água, é bastante empregado não só na obra de Cecília Meireles, mas de outros poetas, a fim de representar o duplo.

A contemplação e a dissolução do “eu” como sujeito poético e o desapego em relação aos acontecimentos da vida são construídos ao longo do poema, até chegar no momento em que esse sujeito se identifica e percebe o *sagrado* por meio de uma leitura do *efêmero*. Ademais, pode-se perceber, também, o abandono da valorização do ego. Cecília abarca a existência, a vida e a morte de maneira sutil, utilizando-se da metáfora da água e do espelho, moldando esses símbolos e percebendo o *sagrado*.

Algumas das principais leituras que se pode fazer da metáfora da água/mar, é a representação da vida – de dar e tirar a vida – da imensidão e a eternidade e a inconstância do movimento. Segundo Bruni, “a água é a imagem da consciência de si mesmo, a imagem do olho humano – a água é o espelho natural do homem” (1993, p. 58), fornecendo-lhe a possibilidade de ver-se nu, em sua forma verdadeira. O mar, então, provê a sabedoria da decifração dos mistérios da vida, seu movimento é vasto e atemporal.

Na simbologia aquática, o “mar” tem uma feição especial por seu movimento constante, sendo, neste sentido, um símbolo mais apropriado para caracterizar o devir caos-cosmo e vice-versa, ou seja, o processo incessante do Universo, com a vocação para as metamorfoses, mortes e renascimentos: Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e a ele tudo retorna: lugar de nascimentos, transformações e de renascimentos. Águas em

movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades [...] Daí advém que o mar é, ao mesmo tempo, a imagem da vida e da morte. (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 42).

No caso da metáfora do espelho, há a consciência do transitório, do passado (ou dos tempos já vividos) e das diferentes faces que se pode assumir diante da vida. O espelho permite que se vejam as marcas e cicatrizes que o tempo e as dores da vida deixam; instalase um confronto ao olhar no espelho, um estranhamento e um conflito que permite uma contemplação do “eu”. Com referência à metáfora do espelho, Gouvêa (2008, p. 168, grifo nosso) tece as considerações:

A desintegração do sujeito, da busca da própria identidade, menos pessoal do que existencial e ontológica – o que explicará a obsessiva recorrência dos símbolos do espelho e do retrato -, e do absoluto; da indagação obsessiva sobre o porquê da existência e o destino da viagem terrena do ser humano; da solidão; [...] da tensão entre real e ilusório, entre efêmero e eterno e da ação do tempo sobre seres, coisas e sentimentos; da insuficiência humana e da precariedade e desencantamento do mundo; do desejo sempre acompanhado da amarga constatação sobre a impossibilidade ou os perigos do sonho [...].

O eu-lírico de “Noções” (VG, 193-?), que será apresentado em seguida, carrega essa busca de sua própria identidade, por meio de sua relação com seus sonhos e sua existência. As metáforas que constroem a identidade do sujeito poético percorrem o campo semântico do *efêmero* até atingir a compreensão do *sagrado*, ou “absoluto”, conforme o termo utilizado por Gouvêa (2008) ao tratar da poética de Cecília Meireles. Passa-se ao exame do poema que compõe o *corpus* desta análise:

Entre mim e mim, há vastidões bastantes para
a navegação dos meus desejos afligidos.

Descem pela água minhas naves revestidas de espelhos.
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que a atinge.

Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza, só recolho
o gosto infinito das respostas que não se encontram.

Virei-me sobre a minha própria existência, e contemplei-a.
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios, e
este abandono para além da felicidade e da beleza.

Oh! meu Deus, isto é a minha alma: qualquer coisa que flutua
sobre este corpo efêmero e precário, como o vento largo do
oceano sobre a areia passiva e inúmera...

(MEIRELES, 1982, p. 73).

O sujeito poético de “Noções” (193-?) vive momentos autorreflexivos e contempla seus sonhos e anseios. Percebe-se efêmero e tem consciência da existência de dois “eus”, que são protagonistas na navegação dos desejos afligidos, “permitindo” espaço para que isso ocorra, uma vez que a distância entre cada um desses “eus” é vasta. Os desejos afligidos, ou o sonho, assim como o sujeito poético, funciona como um fenômeno de ordem subjetiva, e pode ser entendido como uma metáfora que caracteriza a humanidade no sujeito.

Ao dizer que “descem pela água minhas naves revestidas de espelhos”, o eu-lírico retoma a ideia iniciada na primeira estrofe, que faz referência à água: “para a navegação dos meus desejos afligidos”. A água, no terceiro verso, citado anteriormente, pode ser compreendida como uma alusão à veia, que têm na sua composição sangue, e faz, então, uma referência ao nascimento e à vida; a água é um condutor de mudanças dos percursos que se pode tomar na vida. Segundo Mello e Utéza (2006, p. 39), a água fornece as respostas “quando ninguém responde”, decifrando os mistérios da vida.

Em “[...] naves revestidas de espelhos”, pode-se verificar que há uma correspondência com os “desejos afligidos”, no segundo verso. O espelho, conforme mencionado anteriormente, traz a ideia da consciência do transitório, das marcas deixadas pelo tempo e pela vida e faz alusão às diferentes faces que o ser humano pode tomar. Há, portanto, a noção de confronto entre os “eus” – “cada lâmina arrisca um olhar [...]” – o sujeito poético impermanente não olha apenas para uma direção; ao contrário, investiga os elementos que refletem nas lâminas do espelho, vistos pelos diferentes prismas. Enfim, as diferentes visões e as “naves revestidas de espelhos” podem ser entendidas como os “desejos afligidos” do eu-lírico.

Há uma beleza em expor à correnteza os “desejos afligidos”, ou o sonho, conforme o quinto verso; percebe-se um contentamento do eu-lírico em recolher apenas “o gosto infinito das respostas que não se encontram”. A correnteza, para o eu-lírico, é uma aventura, e pode ser interpretada como uma alusão à vida – conforme citado acima, a água, o mar e, então, a correnteza, são elementos que simbolizam o movimento, o transitório, as mudanças. Seu movimento constante representa o Universo: a dinâmica da vida – mortes e renascimentos (MELLO; UTÉZA, 2006). Sendo assim, pode-se dizer que o eu-lírico sabe lidar com a *efemeridade* da vida.

Por fim, a confirmação da ação contemplativa do eu-lírico: “Virei-me sobre minha própria existência, e contemplei-a”. Ao relacionar o sétimo verso com o primeiro verso do poema, tem-se a interpretação de que essa ação contemplativa do eu-lírico é sobre os dois “eus”.

Conforme mencionado anteriormente, a relação do sujeito poético com seus “desejos afligidos” sugere a ideia de uma metáfora da humanidade do eu-lírico, que pode ser confirmada por meio dos oitavos e nonos versos do poema: “Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,/ e este abandono para além da felicidade e da beleza.”. Percebe-se o desapego do eu-lírico, há uma compreensão instintiva que se faz “suficiente para levar a uma harmonia interior, cujo fundamento é a confiança” (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 38) no “abandono para além da felicidade e da beleza”.

Na última estrofe, a metáfora da água é retomada. O segundo “eu”, a alma, flutua sobre o primeiro eu, o “corpo efêmero e precário”, em comparação ao vento do oceano sobre a areia “passiva e inúmera”. Própria do movimento da vida, a antítese mar/areia propicia a ideia de vida e morte ou, corpo físico e alma – os dois “eus” que compõem o eu-lírico presentes no poema. A metáfora da água/mar “tem a propriedade de dissolver as formas viventes no plano da ‘areia’ e, como tal, associa-se à morte, considerada uma passagem para outra forma do ser.” (MELLO, UTÉZA, 2006, p. 43). A vida, na areia, é *efêmera*. O vento do oceano desmancha aquilo que, à distância, parece ser duradouro.

Não há controle sobre aquilo que é *efêmero*. Assim, não há controle sobre a vida e, portanto, também não existe controle sobre os sonhos, os desejos que, sem harmonia, tornam-se “afligidos”. No movimento investigativo (“Virei-me sobre minha própria existência, e contemplei-a”), o eu-lírico apreende a duplicidade corpo/alma, ou “entre mim e mim”, e essa percepção o conduz à autoconsciência de que o corpo físico tem limites e que funciona como uma estrutura para caminhar na vida terrena, mas o outro de si, a alma, é instrumento da transcendência. De acordo com Mello e Utéza (2006), há, na poética de Cecília, uma dicotomia entre o plano transcendente (a alma), que é caracterizado pela beleza, harmonia e felicidade, e o plano oposto, que é o mundo das sombras, uma vez que é carregado de desarmonia e sofrimento (o corpo físico, cheio de desejos e apegos).

A dicotomia mar/areia, sugere a ideia de que, inscrita em um tempo e espaço, a vida cumpre um prazo na areia e, depois da morte, dissolve-se novamente em água para alcançar o plano celestial. Pode-se perceber essa mesma ocorrência em “Pequena canção da onda” (VM, 193-?): “Mas o vento deu na areia./ A areia é de desmanchar./ Morro por seguir meu sonho,/ longe do reino do mar!” (MEIRELES, 1982, p. 87).

Basicamente encontra-se na poesia de Cecília Meireles dois tratamentos da questão do tempo, que recebe (sic) abordagens alternativas, mas não se antagonizam, porque a questão é resolvida através do dualismo corpo/alma. O corpo tem seu período, do nascimento ao

aniquilamento. A alma permanece, tem sua origem e destino anterior e posterior à vida no corpo físico. (MELLO; UTÉZA, 2006, p. 81).

O eu-lírico, por fim, encontra-se no *sagrado*. Sua jornada *efêmera*, de percepção da transitoriedade da vida, de desapego aos sonhos e desejos, sugere a superação do sentimento de finitude, que é substituída pela concepção da eternidade. Segundo Meyerhoff (apud MELLO; UTÉZA, 2006), a concepção da eternidade não significa que o tempo seja infinito, mas que há uma ausência no tempo, que Cecília chamara de “tempo inteiriço, livre das lutas de cada dia”. Pode-se afirmar, então, que o *sagrado* vive no que é eterno. O eterno, por sua vez, se realiza por meio da morte – a morte, conforme Gouvêa (2008), na poética de Cecília, é marcada, além da metáfora da areia, como mencionado anteriormente, pelo emprego, entre outros, de reticências, como confere o último verso do poema: “como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera...”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o *efêmero* em Cecília Meireles revela-se um tópico importante para a discussão da poesia brasileira. Primeiro, por ser um elemento recorrente em suas respectivas obras poéticas. Além do mais, trava-se contato com metáforas, versos e outras formas de manifestação das imagens cuja beleza e profundidade encantam o leitor no tocante ao tratamento da efemeridade. Problematizar a condição da própria experiência de viver é uma das muitas possibilidades sobre as quais a poesia versa.

As metáforas do *efêmero* em “Noções” (193-?) são encontradas na dicotomia mar (água)/areia, representando a vida, o nascimento e a morte; no espelho, que reflete a condição humana e as diferentes faces que se toma ao longo da vida, representando outro “eu”, a alma; no vento (ar), em contraste à água, que dá voz a alma do eu-lírico. O *sagrado*, ou o absoluto, conforme o termo utilizado pela estudiosa da autora, Leila Villas Boas Gouvêa (2001a; 2007; 2008), é construído por meio das representações do *efêmero* e da eternidade que se atinge ao compreender e aceitar a transitoriedade dos acontecimentos do cotidiano e da vida.

Cecília Meireles dialoga com a transitoriedade da vida de maneira gentil e leve. Essa forma de tratar do *efêmero* oferece aos leitores uma interpretação das dores causadas pelas experiências vividas, que aponta para uma concepção de vida que pode ser trilhada com harmonia e encanto, conforme Mello e Utéza (2006). Esta escolha representa para a poetisa experimentar a vida “da melhor maneira que pode” (MEIRELES apud LEITE, 2015, s/p).

A efemeridade é fundamentada na ideia de que as manifestações de nossa existência são apenas um dos aspectos da vida. Ao aceitar perdas, mudanças e transições é possível

ver-se no *eterno*. A respeito disso, a leitura de o “4º motivo da rosa” (RN, 194-?) é fundamental para representar como a aceitação do *efêmero* pode ser leve e harmoniosa, de maneira a viver na plenitude:

Não te aflijas com a pétala que voa:
também é ser, deixar de ser assim. Rosas
verá, só de cinzas franzida, mortas,
intactas pelo teu jardim.

Eu deixo aroma até nos meus espinhos ao
longe, o vento vai falando de mim.

E por perder-me é que vão me lembrando, por
desfolhar-me é que não tenho fim.
(MEIRELES, 2015, p. 105).

A constituição da identidade do sujeito poético para a poetisa ocorre a partir da percepção de que é impossível ser apenas e sempre o mesmo, uma vez que o ser humano é impermanente e a mudança, então, inevitável. Assim como os acontecimentos da vida, não se têm controle sobre os sentimentos, emoções e dores que compõem a personalidade de cada ser humano e que fazem, portanto, que se esteja em constante mudança. Confere-se o diálogo com o *efêmero* por meio das metáforas desses acontecimentos da vida. A percepção de que tudo muda é, no poema de Cecília Meireles, o que faz com que se consiga viver em harmonia, aceitando a morte e encontrando-se, então na plenitude, no *eterno*.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRUNI, José Carlos. A água e a vida. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, v. 5, n.1/2, p. 53-65, 1993.

COELHO, Nelly Novaes. O “eterno instante” na poesia de Cecília Meireles. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 5/6, p. 89-107, 1964.

_____. Cecília Meireles: vida e obra. *Revista do CESP*, v. 21, n. 28/29, p. 11-17, 2001.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

GOMES, Álvaro Cardoso. *O Simbolismo*. São Paulo: Ática, 1994.

GOUVÊA, Leila Vilas Boas. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001a.

_____. A capitania poética de Cecília Meireles. *Revista Cult*, São Paulo, ed. 51, out., 2001b.

_____. (Org.). *Ensaios sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas: Fapesp, 2007.

_____. *Pensamento e "lirismo puro" na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Edusp, 2008.

LEITE, Ana Mafalda (Org.). *Literaturas Africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

LEITE, Carlos William. A última entrevista de Cecília Meireles. *Revista Bula*, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/496-a-ultima-entrevista-de-cecilia-meireles/>>. Acesso em: 12 out. 2015.

MEIRELES, Cecília. *Viagem e Vaga Música*. Rio de Janeiro: Fundação Nestlé de Cultura, 1982.

_____. *Solombra*. São Paulo: Global, 2013.

_____. *O Aeronauta*. São Paulo: Global, 2014a.

_____. *Retrato Natural*. São Paulo: Global, 2014b.

_____. *Mar Absoluto e outros poemas*. São Paulo: Global, 2015.

MELLO, Ana Maria Lisboa de; UTÉZA, Francis. *Oriente e Ocidente na poesia de Cecília Meireles*. Porto Alegre: Libretos, 2006.

SECCHIN, Antonio Carlos. Só sombra. In: MEIRELES, Cecília. *Solombra*. São Paulo: Global, 2013. p. 9-12.

SILVA, Rosecler Aparecida; PEREIRA, Danglei de Castro. O surrealismo em "Canção", de Cecília Meireles. *Uniletras*, v. 31, n. 1, p. 167-180, 2009.

Contatos: ninadef@gmail.com e joao.ferreira@mackenzie.br